



Vídeo

Espaço Random | Conselho de Cultura | UMa 2026

Movimentos Desviados através de Indumentos Performativos

FREY, Tales

URL: <https://conselhodecultura.uma.pt/er-videos/>

DOI: 10.34640/ervideouma2026freyalunosuma

Comissão Científica

António Baía Reis – Universidad Carlos III de Madrid (ES)

António Laginha – CDO – CLEPUL-FLUL (PT)

Ana Isabel Moniz – UMa – CEC-UL (PT)

Cláudia Marisa – ESMAE – IS-UP (PT)

Duarte Encarnação – UMa (PT)

Guida Mendes – UMa – CIE (PT)

Inês Rebanda Coelho | CECC- UCP

Mônica Medeiros Ribeiro – UFMG (BR)

Romy Castro | ICNOVA – CM&A

Teresa Norton Dias – UMa – CEMRI (PT)

Sandra Meyer Nunes – UDESC (BR)

Coordenação Editorial

Nascimento, Andreia & Norton-Dias, Teresa

Data do documento: maio 2026



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

Qorpo Santo e Corpo Santo: o que fez existir a *Veste para uma coreografia coletiva de manipulação*

Em 2025, recebi a notícia de que fui contemplado com a Bolsa de Criação Artística da Câmara Municipal do Funchal, na categoria Artes Performativas. A proposta selecionada consistia na criação de indumentos performativos concebidos para serem vestidos coletivamente, tendo como matéria-prima exclusivamente materiais sustentáveis. O projeto partia da reutilização de roupas encontradas nos resíduos urbanos do Funchal, transformando aquilo que havia sido descartado em matéria para criação artística.

Desde 2023 - embora já realizasse recolhas antes desse período, sem um direcionamento específico para este tipo de investigação - venho desenvolvendo trabalhos artísticos a partir de roupas encontradas no lixo. Nesse contexto, compreendi que esta proposta representava uma forma ética de produção, distanciando-se da lógica do *fast fashion* e da posição passiva do consumo. Interessa-me, sobretudo, apresentar uma perspectiva crítica sobre um sistema que contribui significativamente para a degradação ambiental e para a precarização da mão de obra, sustentando dinâmicas de exploração que ainda ecoam estruturas coloniais.

Desde o início do processo, considerei fundamental estabelecer um diálogo com a professora Teresa Norton Dias, da Universidade da Madeira. Trata-se de uma profissional comprometida com a investigação artística e que reconhece a importância da prática como um campo fértil para a produção de conhecimento e para o desenvolvimento das reflexões inerentes ao fazer artístico.

A residência artística, realizada ao longo de dois meses na ilha da Madeira, mais especificamente no Funchal, foi dividida em dois momentos distintos: janeiro e maio de 2026. Durante a primeira etapa, acompanhei a disciplina de Performance da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade da Madeira. Assisti às apresentações práticas individuais das alunas e dos alunos, oferecendo comentários sobre cada proposta apresentada no Teatro Municipal Baltazar Dias. Essa experiência permitiu-me entrar em contacto com os universos temáticos de cada estudante, que viria posteriormente a integrar o processo de criação coletiva. Ainda em janeiro, apresentei uma comunicação no Estúdio de Criação do Funchal, na qual partilhei um panorama da minha produção artística relacionada com o têxtil, abrangendo trabalhos desenvolvidos entre 2006 e 2026. Na segunda etapa da residência, em maio, conduzi o workshop “Movimentos Desviados através de Indumentos Performativos”. Num primeiro momento, propus exercícios destinados a explorar as potencialidades individuais de cada participante, inspirados em procedimentos da artista e teórica Eleonora Fabião. Em seguida, apresentei a proposição *Túnel* (1973), de Lygia Clark, como dispositivo para experimentação coletiva. Por fim, levei para o grupo um indumento ainda em processo de construção, permitindo testar possibilidades que viriam a integrar a versão final da obra.

É importante mencionar que, em janeiro de 2026, fui informado de que a ação deveria acontecer no Largo do Corpo Santo, espaço onde funciona o Estúdio de Criação, deixando de ser possível a realização livre pelas ruas da cidade. Essa alteração levou-me a refletir sobre o próprio nome do lugar. Entre 2003 e 2006, quando estudava Direção Teatral na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a sala destinada às aulas corporais chamava-se Qorpo Santo (1829 - 1883), em homenagem ao dramaturgo brasileiro. Reconheci nessa coincidência um elemento que não desejava ignorar, permitindo que ela atravessasse diretamente o processo criativo. Mais uma vez, encontrava-me a experimentar num espaço que, ao ser pronunciado, evocava o mesmo nome, embora remetesse a universos distintos: de um lado, uma referência de matriz cristã; de outro, um dramaturgo que já no

século XIX imaginava personagens que escapavam às normas sociais e antecipavam questões relacionadas ao gênero e à sexualidade.

Ao pensar na criação de um corpo inexistente, surgiu a ideia de construir um traje de grandes dimensões, capaz de sugerir a presença desse “corpo santo”. A sua ativação dependeria da ação coletiva de diferentes pessoas, responsáveis por manipular e dar forma a essa entidade imaginada. Foi então que o conceito ganhou sentido: o corpo que faz existir o traje, que o sustenta, cuida dele e o apresenta a uma audiência espontaneamente reunida no espaço público, é necessariamente um corpo coletivo. Um corpo composto por múltiplas vozes, sexualidades, gêneros e experiências. Um corpo formado por singularidades diversas que, ao atuarem em conjunto, materializam um princípio fundamental do pensamento político democrático: a possibilidade de coexistência e participação de diferentes formas de vida.

Tales Frey
Investigador auxiliar no CEHUM
Funchal, 28 de maio de 2026.

Corpos em travessia: um corpo feito de muitos a partir de um *workshop* com Tales Frey

Parte A¹

O *workshop* conduzido por Tales Frey revelou-se uma experiência artística e humana profundamente enriquecedora, permitindo-nos explorar o corpo, o movimento e a relação com os outros de forma pouco convencional. Desde o primeiro momento, fomos convidados a participar num processo de partilha e descoberta, onde o gesto, o silêncio, o olhar, o som e até a hesitação ganharam significado. O artista demonstrou ser uma pessoa extremamente criativa, comunicativa e capaz de integrar todos os participantes nas dinâmicas propostas, levando-nos a refletir sobre aquilo de que somos capazes enquanto indivíduos e coletivo.

Ao longo das diferentes atividades, fomos desafiados a pensar o corpo como espaço de expressão da identidade e da memória. A travessia pelo túnel de tecido negro constituiu uma das experiências mais marcantes. Ao entrar naquele espaço escuro e envolvente, os sentidos do tato, da audição e do olfato intensificavam-se, enquanto o exterior parecia desaparecer por instantes. A sensação inicial de ansiedade transformava-se gradualmente numa experiência de liberdade e de consciência corporal, onde os movimentos surgiam quase como uma dança e os corpos pareciam ligar-se entre si, formando um só organismo em movimento.

Noutra dinâmica, trabalhamos em grupo com uma camisa branca gigante, num exercício que exigia coordenação, delicadeza, escuta e sintonia entre todo(a)s. Entre dobrar e desdobrar, vestir e despir o tecido, percebemos a importância da ajuda mútua e da adaptação coletiva. O *workshop* permitiu-nos compreender de forma prática como o corpo reage às situações, como comunica sem palavras e como pode criar relações de confiança através do movimento.

O tecido assumiu-se como matéria de transformação artística e simbólica, funcionando como ponto de encontro entre corpo, memória e expressão contemporânea. A reutilização de roupas descartadas abriu, também, espaço para uma reflexão crítica sobre o consumismo e o impacto da indústria da moda, particularmente no contexto da *fast fashion*. Tornou-se evidente a necessidade de repensar a forma como consumimos roupa e de reconhecer o valor emocional, cultural e afetivo que uma peça pode transportar. Uma peça de roupa não serve apenas para cobrir o corpo: pode guardar memórias, evocar pessoas, representar identidades e preservar ligações humanas.

Enquanto artistas em formação, esta experiência teve igualmente um papel importante no desenvolvimento da nossa relação com a exposição e a vulnerabilidade, em contexto artístico. Aprendemos a aceitar essa exposição com maior leveza, compreendendo-a como parte essencial do processo criativo. O espaço oficial funcionou, assim, como um espaço de experimentação, consciência e partilha, onde a arte, o corpo e a reflexão social se cruzaram de forma sensível e transformadora.

Funchal e Universidade da Madeira, 12 de maio de 2026.

¹ Este texto resulta da contribuição dos estudantes da turma do 3º ano da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade da Madeira, Ana Natália Ramos, Diana Fernandes, Jessica Nunes, Liliána Kerekes, Luísa Figueira, Luís de Jesus, Luiz Ascensão, Mercé Estrela e Paulino Freitas. UC de Socio-Antropologia da Cultura | Ano letivo de 2025-26 | 2º Semestre | Docente: Teresa Norton Dias.

Corpo revelador: vestir o movimento em tempo de consumo a partir de um *workshop* com Tales Frey

Parte B²

O *workshop* orientado por Tales Frey constituiu uma experiência de exploração artística, corporal e coletiva, permitindo-nos refletir sobre o corpo, a relação com os outros e as problemáticas associadas ao consumo e ao desperdício têxtil. Desde os primeiros exercícios, que foi criado um ambiente de integração, confiança e partilha, em que fomos incentivados a experimentar, não apenas aquilo que já dominávamos, mas também aquilo que inicialmente nos parecia difícil ou impossível. Esse espaço de abertura permitiu-nos conhecer melhor o(a)s colegas, superar inseguranças e desenvolver novas formas de comunicação além da palavra.

Uma das experiências mais marcantes foi a travessia do túnel de tecido negro, com trinta e cinco metros de comprimento. A entrada naquele espaço escuro e envolvente despertava inicialmente alguma ansiedade, mas, gradualmente, os sentidos ajustaram-se à escuridão, à textura e à elasticidade do material. “Atravessar o túnel” tornou-se, assim, mais do que um simples exercício físico: transformou-se numa metáfora para os desafios emocionais e sociais com que lidamos diariamente. Tal como acontece perante os problemas da vida, muitas vezes sentimos que caminhamos sozinhos por espaços fechados, dominados pela angústia, pela frustração e pela procura constante de uma saída. Nesse contexto, a prática desenvolvida mostrou-nos que a superação não depende do isolamento nem do consumo impulsivo, mas da confiança, da partilha e da relação com os outros.

Ao longo das dinâmicas proporcionadas, o tecido revelou-se um elemento de transformação simbólica e performativa. Um simples material reutilizado ganhou vida através do movimento coletivo, tornando-se numa extensão do corpo, objeto artístico e espaço de experimentação. Dobrar, estender, vestir ou movimentar uma camisa gigante em conjunto, outro dos desafios, exigiu observação, sintonia e cooperação silenciosa. Sem necessidade de proferir palavras, os corpos comunicaram entre si através do gesto e da atenção ao outro, construindo uma espécie de linguagem comum. As ações coletivas mostraram como um objeto do quotidiano pode perder a sua função utilitária para adquirir novos significados ligados à criação, à partilha e à resistência ao consumo acelerado.

A reflexão sobre roupa surgiu, assim, como um dos temas centrais desta experiência. Mais do que um objeto funcional, a roupa apareceu associada à identidade, à memória e às histórias que cada tecido transporta. Num tempo marcado pelo excesso, pela *fast fashion* e pela acumulação constante de bens materiais, este tempo dedicado à experiência levou-nos a questionar os hábitos de consumo e a reconhecer que muitos objetos descartados continuam carregados de significado. Reutilizar roupas abandonadas e transformá-las artisticamente permite-nos perceber que o desperdício não é apenas material, mas também simbólico e humano. Entre fios, tecidos e movimentos, compreendemos que também nós estamos continuamente a construir e reconstruir os “tecidos” das nossas vidas, adaptando-nos, transformando-nos e criando novas ligações.

Esta experiência representou igualmente um confronto com a vulnerabilidade e a improvisação. A ausência de estruturas rígidas e a necessidade de responder

² Este texto resulta da contribuição dos estudantes da turma do 3º ano da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade da Madeira, Angélica da Gama, Diogo Silva, Gabriela Rios, Joana Araújo, Larissa Freitas, Maite de Abreu, Rodrigo Encarnação, Sara de Abreu e Valentina Costa. UC de Socio-Antropologia da Cultura | Ano letivo de 2025-26 | 2º Semestre | Docente: Teresa Norton Dias.

espontaneamente às dinâmicas performativas provocaram receio em alguns momentos, mas também possibilitaram uma maior liberdade criativa e emocional. Através da confiança no grupo e da partilha coletiva, fomos aprendendo a aceitar a exposição artística com maior naturalidade, entendendo-a como parte fundamental do processo criativo e performativo.

No final, o *workshop* afirmou-se como muito mais do que um conjunto de exercícios corporais. Foi um espaço de encontro, consciência e transformação, onde o corpo, o movimento, o silêncio e os materiais reciclados deram origem a novas formas de pensar a arte, o outro e o mundo contemporâneo. Entre o gesto e o tecido, entre a fragilidade e a criação coletiva, descobrimos novas possibilidades de expressão e uma outra perspetiva sobre aquilo que consumimos, guardamos e partilhamos.

Funchal e Universidade da Madeira, 12 de maio de 2026.

NOTA: Os textos acima são de autoria dos alunos de terceiro ano da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade da Madeira. Foram criados a partir de um *workshop* intitulado *Movimentos Desviados através de Indumentos Performativos*. Resultaram depois, numa apresentação pública, que teve lugar no Largo do Corpo Santo, no Funchal, a 28 de maio de 2026. O trabalho ora apresentado (*Vestível para uma coreografia coletiva de manipulação*) resulta de um período de Residência Artística (*Vestíveis*), no Funchal, realizada pelo artista Tales Frey, no âmbito de uma bolsa de criação artística atribuída pela Câmara Municipal do Funchal.